

## **A questão geracional na utilização de tecnologia na prática docente**

**Angela Maria Arantes Monteiro<sup>1</sup>**

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Elisa Maria Andrade Brisola<sup>2</sup>**

### **Resumo**

Este artigo é resultado de parte da análise de dados de uma pesquisa, cujo objetivo é investigar a utilização na prática docente, do Programa ACESSA ESCOLA, implantado em 2008 pelo governo do Estado de São Paulo em escolas da rede estadual de ensino. O estudo, de caráter descritivo foi realizado junto a professores em exercício em escolas estaduais paulistas, concluintes de um curso básico de capacitação tecnológica, oferecido pela Secretaria da Educação e ministrado por uma das Diretorias de Ensino do Vale do Paraíba, no período de 2009 a 2013. Apontada como possível fator dificultador na utilização de recursos tecnológicos no trabalho pedagógico, a questão geracional é o foco desse trabalho o qual pode ser considerado como uma pesquisa de caráter bibliográfico, devido a utilização de artigos científicos na análise dos dados coletados por meio de um questionário e de entrevistas semi-estruturadas.

**Palavras-chave:** Tecnologia de Informação e Comunicação. Gerações. Docência.

## **The generational issue use of technology in teaching practice**

### **Abstract**

This article is the result of the analysis of data from a study whose aim is to investigate the use in teaching practice, the College Access Program, implemented in 2008 by the government of the state of São Paulo in schools in the state schools. The study, descriptive in nature has been conducted with practicing teachers in São Paulo state school, graduating from a course in basic technological training, offered by the Department of Education and administered by the Boards of Education of the Vale do Paraíba, in the period 2009 to 2013 listed as possible complicating factor in the use of technological resources in educational work, a generational question is the focus of this work which can be considered as a bibliographical research, because the use of scientific articles on the analysis of data collected through a questionnaire

---

<sup>1</sup> Mestranda em Desenvolvimento Humano do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté/SP (UNITAU)

<sup>2</sup> Professora do Mestrado em Desenvolvimento Humano – UNITAU

and semi-structured interviews.

**Keywords:** Information Technology and Communication. Generations. Teaching.

## **Introdução**

Podendo ser definido como um espaço físico com alocação de computadores conectados à internet para uso gratuito pela comunidade escolar da rede estadual paulista de ensino, o Programa ACESSA ESCOLA apresenta-se como um recurso importante na tentativa de permitir à população escolar economicamente menos privilegiada, o contato com as Tecnologias de Informação e Comunicação. Instituído pela Resolução SE nº 37, de 25 de abril de 2008, o Programa ACESSA ESCOLA, considerado o maior programa de inclusão digital do Estado de São Paulo<sup>3</sup>, é uma iniciativa do governo do Estado de São Paulo, conduzida pela Secretaria da Educação em parceria com a Secretaria de Gestão Pública.

Visando a promoção da inclusão digital e social e o estímulo ao uso da internet com vistas ao enriquecimento da formação cultural, intelectual e social de seus usuários - pertencentes à comunidade escolar - em 10 de junho de 2011, por meio da publicação da Resolução SE nº 39, o ACESSA ESCOLA passou a atender também os participantes do Programa *Escola da Família*, que funciona nos finais de semana nas escolas estaduais paulistas.

Tendo por objetivo, investigar a utilização do Programa *ACESSA ESCOLA* por professores que concluíram um curso básico de capacitação tecnológica, a pesquisa - aprovada pelo Parecer 500.972/2013 do Comitê de Ética em Pesquisa da UNITAU - foi realizada junto a quarenta e três docentes. Desses, trinta e três responderam um questionário - estruturado em relação à forma e não disfarçado em relação ao conteúdo - e dez participaram de uma entrevista semi-estruturada.

A fim de abalizar os referidos instrumentos de coleta de dados, foram adotados três eixos norteadores em relação à utilização do Programa ACESSA ESCOLA pelos participantes dessa pesquisa: antes e depois da conclusão do curso básico de capacitação tecnológica, os

---

<sup>3</sup> Disponível em <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=235224#3>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

fatores facilitadores e dificultadores e os fatores intervenientes do contexto pessoal e do contexto escolar.

Apontada como fator que possivelmente interfere na utilização de tecnologias no trabalho pedagógico, a questão geracional é o objeto de estudo do presente artigo.

### **Método**

Resultante da análise de narrativas - dos dez professores entrevistados, identificados como (E1) até (E10) e dos trinta e três que responderam ao questionário, (Q1) até (Q33) - esse trabalho pode ser considerado como uma pesquisa de caráter bibliográfico, pelo fato de utilizar na análise, basicamente, a produção de autores de artigos científicos (GIL, 2012).

### **Resultados e discussões**

Quando solicitado ao participante, em uma das entrevistas, que comentasse *se e como* utilizava o ACESSA Escola antes de haver concluído o curso de capacitação tecnológica, oferecido pela supracitada Secretaria, obteve-se como resposta:

[...] eu me achava incapaz, assim muito velha muito arcaica [...] eles (os alunos) são geração Y e a gente X. (E5)

A professora (E5), apontando os professores como pertencentes à geração X e os alunos à geração Y, fez referência à questão geracional como um dos elementos dificultadores no uso das novas tecnologias em sua prática pedagógica.

Geração é conceituada por Ferreira (apud MELO e SOUZA, 2012, p. 52), como o “o conjunto de indivíduos nascidos em uma mesma época”. A caracterização das pessoas em gerações nada mais é, para Melo & Souza (2012), que uma maneira de agrupá-las utilizando como critério, suas características, valores e ideais semelhantes. Afirmam ainda que cada geração é influenciada pela geração que a criou.

Contemporaneamente alguns atores desenvolveram novas formas de classificação das gerações. Em relação à caracterização de cada geração, Melo & Souza (2012, p. 53) afirmam que pertencem à tradicionalista ou de veteranos as pessoas nascidas entre os anos de 1920 e 1940 e criadas sob a influência da Grande Depressão Econômica de 1929, considerada a pior crise da história do capitalismo, causada pelo desequilíbrio na economia dos Estados Unidos. Segundo os autores, “crises e catástrofes, guerras e destruição, associadas às separações de

famílias provocadas pelas perdas na guerra ou pelas imigrações em busca de trabalho desenvolveram fortes valores de compaixão e solidariedade nos jovens dessa geração”.

Conforme Melo & Souza (2012, p. 53), a geração *Baby Boomers*, nascida durante uma explosão populacional pós-guerra - 1945 e 1960 – são caracterizadas como “pessoas motivadas, otimistas e viciadas em trabalho. Essa geração foi educada para competir, criada com muita disciplina, ordem e respeito pelos outros”. Para Santos Neto e Franco (2010, p. 13) a essa geração pertencem os nascidos entre 1946 e 1964 que “tinham na reconstrução do mundo e no trabalho duas de suas principais referências. O emprego, sua manutenção e sua aposentadoria eram os principais marcos que definiam a construção de sua vida individual”.

Para Melo & Souza (2012, p. 54), os nascidos entre 1960 e 1980, pertencem à geração X, conhecida também por *geração da crise*. Quando adolescentes, na década de 80, vivenciaram situações mundiais marcantes como “os assassinatos de diversos líderes importantes, economia estagnada, reengenharia nas organizações, Guerra Fria e queda do muro de Berlim, epidemia da AIDS, surgimento do videogame, movimento pelos direitos das mulheres, mães ausentes, aumento da taxa de divórcio”, entre outras. Conforme Santos Neto e Franco (2010, p. 13), essa geração nasceu entre 1965 e 1978 e foi marcada “pelos movimentos *hippies* e pela revolução sexual [...] pela experiência do desenvolvimentismo, das ditaduras, da crise econômico-energética e seu consequente desemprego [...] pelas lutas por liberdade, reconhecimento das minorias, paz e independência do dinheiro”.

Santos Neto e Franco (2010, p. 13) apontam os nascidos entre 1979 e 1992 como pertencentes à geração Y, “profundamente marcada pela revolução tecnológica, pela globalização em todos os seus aspectos e também pelas questões ecológicas [...] preocupação com o sucesso profissional, nem sempre no mesmo emprego ou empresa”.

Alguns entrevistados exemplificam as novas gerações:

[...] nossas crianças não saem da rede social. (E3)

[...] eles (os alunos) adoram a sala de informática, adoram que a gente programe uma atividade e vá com eles [...] eles vivem em cima disso (da tecnologia). Então, um fator de diferença aí é a atualidade, tudo do novo porque eles estão sempre um pé na frente da gente [...] eles são geração Y... (E5)

Os alunos [...] por fazer parte do cotidiano deles, os recursos multimídias, o computador, o acesso à internet, eles ficam fascinados com o trabalho [...] Os jovens gostam muito. (E6)

[...] quando a gente fala em internet para o aluno, isso atrai muito a atenção dele [...] mexer numa máquina que hoje prá ele é fundamental, que é da realidade dele. (E8)

É importante que o aluno entre em contato com essas novas tecnologias que fazem parte do cotidiano dele [...] como é uma tecnologia que eles têm preferência, que eles já têm o domínio, sentem isso como um incentivo para a utilização. Eles utilizam, eles se comportam de maneira melhor, mais adequada na sala do Acesso, do que na sala de aula. (E9)

Eles gostam da máquina. (E10)

De acordo com Melo & Souza (2012, p. 55), a geração Y - também conhecida como *geração milênio*, *geração Google*, *EchoBoom* e até *geração Tech* - nascida em uma época marcada pela estabilização econômica, pela globalização e pela internet é representada por pessoas bem informadas e acostumadas com novidades em relação à tecnologia. Preocupam-se com as questões relacionadas ao meio ambiente e direitos humanos. Têm tendência a fazer várias coisas simultaneamente, assim como a apreciar variedades, desafios e oportunidades. Conforme Santos Neto e Franco (2010), os indivíduos pertencentes à geração Y estão na faixa de idade entre 22 e 35 anos.

Conforme Periscinoto (apud GAZOLA e SANTANA, 2010), a realização de várias atividades ao mesmo tempo é característica marcante dos jovens pertencentes à geração Y. Além disso, o autor aponta para uma dificuldade característica dessa geração, que é a de ter que esperar pela concretização de projetos de longo prazo. De acordo com Nogueira (apud MELO E SOUZA, 2012), a geração Y brasileira viveu o período final da ditadura, o neoliberalismo e o crescimento das telecomunicações.

Quadro 3. Períodos e idades das gerações, de acordo com os autores Santos Neto e Franco (2010).

<b>Autores/Ano</b>	<b><i>Baby Boomers</i></b>	<b>X</b>	<b>Y</b>	<b>Z</b>
<b>Santos Neto e Franco (2010)</b>	1946-1964	1965-1978	1979-1992	Após 1993
<b>Idade em 2014</b>	50 a 68 anos	36 a 49 anos	22 a 35 anos	Menores de 21 anos

Fonte: Autores citados. 2014.

Considerando os períodos relativos a cada geração definidos por Santos Neto e Franco (2010), é possível identificar, no quadro abaixo, cada professor entrevistado nessa pesquisa em relação à geração a que pertence.

Quadro 4. Perfil dos dez professores entrevistados, de acordo com Santos Neto e Franco (2010)

<b>Identificação</b>	<b>Ano de nascimento</b>	<b>Idade</b>	<b>Geração</b>
<b>(E1)</b>	1964	50	<i>Baby Boomers</i>
<b>(E2)</b>	1963	51	<i>Baby Boomers</i>
<b>(E3)</b>	1956	58	<i>Baby Boomers</i>
<b>(E4)</b>	1972	42	X
<b>(E5)</b>	1964	50	<i>Baby Boomers</i>
<b>(E6)</b>	1969	45	X
<b>(E7)</b>	1974	40	X
<b>(E8)</b>	1979	35	Y
<b>(E9)</b>	1966	48	X
<b>(E10)</b>	1961	53	<i>Baby Boomers</i>

Fonte: Dados organizados pela autora. 2014.

Como é possível observar, cinco entrevistados pertencem à geração *Baby Boomers*, quatro à geração X e um à Y visto apresentarem respectivamente, de acordo com os referidos autores, idade entre cinquenta e cinquenta e oito anos, quarenta e quarenta e oito anos e trinta e cinco anos.

Os dados dispostos nos quadros 3 e 4, sobre o perfil dos quarenta e três professores participantes da pesquisa, demonstram que dezesseis (37,21%) pertencem à geração *Baby Boomers* e vinte e um (48,84%) à geração X, o que equivale a 86,05%. Esses dados confirmam que, dentre os entrevistados, há concentração de professores mais velhos, o que aponta para a questão geracional como fator dificultador na utilização de tecnologias no trabalho pedagógico.

Ainda segundo a classificação de cada geração dos supracitados autores, é possível observar no quadro abaixo, a classificação dos trinta e três professores que responderam ao questionário, obtendo-se como resultado: cinco (15,15 %) pertencentes à geração Y, dezessete (51,51%) à geração X e onze (33,33%) pertencentes à *Baby Boomers*, o que permite a conclusão de que também nesse grupo de professores, há concentração de indivíduos mais velhos, podendo esse fato, colaborar para a dificuldade na utilização de recursos tecnológicos na prática desses docentes.

Quadro 5. Perfil dos trinta e três professores que responderam ao questionário, em relação às gerações classificadas por Santos Neto e Franco (2010).

Idade	Geração	Número de professores	Total
31	Y	1	5
32	Y	1	
34	Y	2	
35	Y	1	
36	X	1	17
37	X	2	
39	X	2	
40	X	1	
41	X	2	
42	X	4	
43	X	2	
44	X	1	
48	X	1	
49	X	1	
50	<i>Baby Boomers</i>	1	11
51	<i>Baby Boomers</i>	3	
52	<i>Baby Boomers</i>	2	
53	<i>Baby Boomers</i>	1	
54	<i>Baby Boomers</i>	3	
58	<i>Baby Boomers</i>	1	

Fonte: Dados organizados pela autora. 2014.

Nesse sentido, Santos Neto e Franco (2010, p. 12) afirmam que

Muitos dos atuais professores nasceram num tempo em que a televisão era o principal meio de comunicação [...] convivem hoje com crianças e jovens que estão, quase todo o tempo, numa realidade tecnológica e virtual muito mais avançada do que aquela que eles experimentaram em sua trajetória [...] É natural que estas diferenças provoquem a emergência de problemas, desencontros e desafios que obrigam um permanente reinventar da formação e do trabalho docente (SANTOS NETO e FRANCO, 2010, p. 12).

Em relação à necessidade dessa reinvenção do trabalho docente, dados coletados junto a participantes desse trabalho apontam tanto para a questão geracional como para o fator formação, visto que dos trinta e três que responderam ao questionário, dezesseis (37,50%)

responderam que não utilizaram o Programa antes da conclusão do curso de capacitação, devido aos motivos dispostos abaixo:

Para mim, a informática, a tecnologia era um monstro, eu morria de medo daquilo [...] eu não queria nem chegar perto, de maneira alguma [...] aquilo era um pavor, um terror para mim. (E5)

[...] não me sentia preparada. (Q6)

[...] não possuir conhecimento para realizar as atividades. (Q14)

Pela dificuldade de lidar com computadores e internet. (Q22)

Não estava preparada para integrar o uso tecnológico. (Q24)

Por falta de conhecimento e preparo. (Q32)

Devido à dificuldade em trabalhar com os recursos de informática, eu não me sentia segura em levá-los (os alunos) para desenvolver as atividades. (Q33)

De acordo com a classificação geracional de Santos Neto e Franco (2010), dentre esses seis respondentes do questionário, quatro pertencem à geração *Baby Boomers* - Q24 (54 anos); Q6 e Q22 (52 anos) e Q33 (51 anos) – e dois pertencem à geração X – Q14 (44 anos) e Q 32 (42 anos). A entrevistada E5 (50 anos) pertence à geração *Baby Boomers*.

Retomando a questão em relação às gerações a que pertencem os alunos de (E5), frente a sua afirmação de que são pertencentes à geração Y. Conforme Santos Neto e Franco (2010), a geração Y pertence à faixa de idade entre 22 e 35 anos. Tendo em vista que os alunos de (E5) têm idade variando entre 13 a 17 anos, pode-se concluir que, conforme os referidos autores, os alunos da entrevistada pertencem à geração Z e não à Y.

A geração Z é constituída por jovens que primam pela conectividade permanente com outras pessoas e que são socialmente responsáveis, assim como preocupados com as questões ambientais e com a sustentabilidade planetária. Além disso, vivendo atentos às inovações tecnológicas, têm preferência, em relação a diálogo em geral, pelo mundo virtual ao invés do real (MELO E SOUZA, 2012).

Mais do que os indivíduos pertencentes à geração Y, os da geração Z podem ser considerados como sendo do mundo virtual, devido à utilização exacerbada da internet, dos *videogames*, das redes sociais, etc., assim como pela capacidade de realizar simultaneamente várias atividades. As pessoas dessa geração - denominada de geração silenciosa por alguns - apesar de serem rápidas e ágeis com computadores e outros tipos de equipamentos tecnológicos, apresentam dificuldades em relação à estrutura escolar tradicional, assim como em relação aos relacionamentos interpessoais, pelo fato de terem as tecnologias sempre



presentes em sua vida, o que dificulta sobremaneira a comunicação verbal. A maneira como lidarão com o emprego e com as atuais especializações é uma incógnita (SANTOS NETO e FRANCO, 2010).

Para os autores, apesar de não ser possível a consideração dessa caracterização como perfeita, ela auxilia a pensar sobre os problemas a serem enfrentados em uma sala de aula, decorrentes do encontro de gerações de professores e alunos.

Nesse sentido, Prensky (2010) cunhou as expressões, *nativos digitais* e *imigrantes digitais*. Os *nativos digitais* são as pessoas que cresceram brincando com a tecnologia digital, tornando-a, sem medos, uma aliada. Conforme Lemos (2009, p. 39), Prensky, em 2001, fixou o período entre 1980 e 1994 em que essa geração nasceu.

De acordo com Prensky (2010, p. 45) *nativos digitais* “gastam boa parte do seu dia trocando mensagens on-line, navegando na internet, fazendo *download* de músicas, trocando *e-mails*, vendo TV [...] tudo isso simultaneamente”. Afirma que os *nativos digitais* estão impondo um desafio aos adultos que é o de *conectar-se já*. “Pesquisas empíricas relatam insatisfação dos *nativos digitais* com a escola, com a mesmice do cotidiano da sala de aula. Por outro lado, professores que trabalham com essa geração, em geral, comentam como está difícil dar aula para essa faixa etária”.

Conforme Prensky (2010), os *imigrantes digitais* são as pessoas que tiveram que se adaptar às tecnologias pelo fato de terem acesso a elas num momento já avançado da vida. Se atuando como professores, elas podem sentir dificuldade em descartar antigas formas de ensinar, conforme relato abaixo:

*[...] a gente tem que sempre correr atrás de novidade para eles, para que eles se interessem pela aula. (E5)*

O autor afirma que a distinção entre ambos – professor e aluno - é mais cultural e de atitude e que a educação contemporânea deve ser pautada na prática do partilhar, do aprender junto. Para tanto, o professor deve deixar de ser um mero transmissor de conteúdo e responsável pela disciplina dos alunos, tornando-se treinador, guia e parceiro, o que demanda respeito mútuo entre eles, conforme a narrativa abaixo:

*[...] às vezes eu me atrapalho um pouco ainda na internet [...] mas, eu sou uma pessoa que estou sempre aberta a aprender. Eu chamo os alunos, “olha gente, eu não sou vocês. Então vêm me ajudar aqui que eu queria entrar em*

*tal lugar” [...] Sempre com a ajuda dos alunos porque eu não tenho aquela facilidade. Sabe, às vezes me atrapalho, às vezes, lá na internet... (E5)*

Apontando a possibilidade de que a aprendizagem poder ser facilitada por meio da utilização de ferramentas tecnológicas que efetivamente auxiliem nesse processo, (PRENSKY, 2010), discorda que a maneira de ensinar mude automaticamente se os *nativos digitais* se tornarem professores, tendo em vista a pressão já existente sobre novos professores para adoção de antigos métodos. Em relação às mudanças indispensáveis para atendimento às necessidades do século XXI, aponta a forma de ensinar, a tecnologia como suporte e o currículo.

Nesse sentido, em relação à tecnologia como suporte, um dos entrevistados afirma que

*Agora, outra coisa que eu tenho visto também é que, fora da internet daqui, eles estão utilizando em sala. Dá problema esse negócio de celular, mas a gente tem que usar isso daí. Por exemplo, a gente passa uma tarefa na lousa, eles vão lá e tudo é na base da informática, eles registram e se tem algum problema, que acontece na sala mesmo, fora da sala de informática mesmo, eles mexem com isso (com o telefone celular). (E5)*

O artigo 1º do Decreto nº 52.625, de 15 de janeiro de 2008 proíbe o uso desse equipamento tecnológico durante o horário de aulas nas escolas estaduais paulistas. O artigo 2º estabelece que “caberá à direção da unidade escolar: I- adotar medidas que visem à conscientização dos alunos sobre a interferência do telefone celular nas práticas educativas, prejudicando seu aprendizado e sua socialização” (SÃO PAULO, 2008).

Na contramão dessa proibição legal, o documento Diretrizes de Políticas da UNESCO para a Aprendizagem Móvel (2013, p. 29) informa que pelo fato da maioria das políticas educacionais relativas à TIC ter sido criada antes dos aparelhos móveis, “as raras políticas que fazem referência a esses equipamentos tecnológicos tendem a tratá-los tangencialmente ou a proibir sua utilização nas escolas”. O referido documento, resultante do empenho de governos, organizações e indivíduos de diversos grupos, tem por objetivo prestar auxílio aos propositores de políticas, em relação a um melhor entendimento sobre o que é aprendizagem móvel, assim como sobre seus benefícios e utilização, com vistas ao avanço em direção à Educação para Todos. O documento sugere a adoção das recomendações nele constantes, assim como a consideração das necessidades particulares e realidades dos contextos, visando possíveis ajustes para a utilização de recursos tecnológicos móveis. Ressalta que várias evidências apontam que esses recursos, em especial o telefone celular, vêm sendo usados em

todo o mundo, por alunos e educadores, tanto no acesso a informações como na racionalização e simplificação da administração. Pelo exposto, recomenda que as políticas existentes em relação a esses recursos sejam revistas pelas autoridades.

No documento, Diretrizes de Políticas da UNESCO para a Aprendizagem Móvel (2013, p. 21), encontra-se posto que os aparelhos móveis - dentre eles o telefone celular - podem facilitar a aprendizagem por meio da superação dos limites entre a aprendizagem formal e a não formal, tendo em vista a possibilidade de os estudantes acessarem de maneira fácil, “materiais suplementares a fim de esclarecer ideias introduzidas por um instrutor na sala de aula”. Para a incorporação no próprio trabalho pedagógico, o documento aponta a necessidade de formação dos professores para que esses, sem orientação e capacitação, não utilizem esse recurso para “fazer coisas velhas de formas novas, ao invés de transformar e melhorar abordagens de ensino e aprendizagem” (idem, p. 30) junto aos jovens e adolescentes considerados nativos digitais que, de acordo com Lemos (idem, p. 32) “não desgrudam de seus celulares, elemento de sua identidade”.

Conforme Pretto (2011, p. 108) esses jovens são definidos como “*geração alt+tab*, em referência àquele conjunto de duas teclas que, se apertadas ao mesmo tempo, possibilitam a navegação e o processamento em janelas simultâneas nos computadores”.

O autor afirma que, em 1999, os escritores estrangeiros Don Tapscott e Douglas Rushkoff denominavam esse grupo, respectivamente, de *geração net* e de *screenagers*, “buscando reafirmar que essa é uma juventude que se relaciona de forma diferenciada com as tecnologias [...] já nasce *geneticamente modificada* para viver essa cultura”.

Nesse sentido, participantes dessa pesquisa afirmaram que:

E isso é muito bom e as crianças gostam muito. (E1)

[...] o interesse dos alunos (pela tecnologia) [...] por fazer parte do cotidiano deles, os recursos multimídias, o computador, o acesso à internet, eles ficam fascinados com o trabalho. (E4)

[...] eles (os alunos) vivem em cima disso (da tecnologia). Então, um fator de diferença aí é a atualidade, tudo do novo porque eles estão sempre um pé na frente da gente [...] eles adoram a sala de informática, adoram que a gente programe uma atividade e vá com eles. E rende, rende mesmo. É bonito porque é a aula mais interessante para eles [...] Eles gostam de novidade. (E5)

Os jovens gostam muito. Abrem mão de fazer qualquer atividade para ir à sala de informática e eles repetam muito o contrato pedagógico. A gente faz o contrato pedagógico dentro da sala de aula e eles respeitam, dentro do

laboratório [...] eles mudam o comportamento na sala dos outros professores e na minha aula, para poder ir ao laboratório de informática, no ACESSA. (E6)  
Pelo menos inicialmente, interesse maior em fazer uma atividade diferente, algo novo para eles [...] Em relação ao interesse dos alunos em participar do ACESSA, interesse maior, questão da novidade [...] que houve a motivação, houve. Inclusive eu fiz entrevista com eles, eu apliquei questionários e eles próprios ali escreveram o lado positivo em relação à utilização do ACESSA, eles gostaram bastante. (E7)

[...] quando a gente fala em internet para o aluno, isso atrai muito a atenção dele, por sair da sala de aula e mexer numa máquina que hoje para ele é fundamental, que é da realidade dele. (E8)

[...] A utilização da sala do ACESSA, como o regime disciplinar lá dentro é mais rígido, eles se comportam de maneira mais adequada, em virtude até mesmo do atrativo ser mais forte. [...] como é uma tecnologia que eles têm preferência, que eles já têm o domínio, sentem isso como um incentivo para a utilização. (E9)

Eles gostam da máquina. Eles se interessam. (E10)

Todo jovem adora usar a internet, então qualquer assunto ligado a ela causa muito interesse por parte dos alunos. (Q1)

Eles pedem por aulas na sala do ACESSA Escola [...] Eles dizem gostar de recursos tecnológicos. (Q13)

São ávidos em utilizar a ferramenta tecnológica. (Q16)

[...] interação com maior entusiasmo com a tecnologia. (Q18)

[...] habilidade dos alunos na utilização da internet. (Q33)

Para Pretto (2011, p. 108) essa juventude, comumente, chega a uma escola “que não dá conta de trabalhar com a diversidade de culturas dos que ali chegam”, por conta de razões diversas e históricas, dentre outras as relacionadas ao aumento da população e à demanda de alunos a serem atendidos. Para o autor, isso ocorre porque as políticas públicas estão baseadas em padronizações que acabam possibilitando a manutenção de um “currículo baseado numa lógica vertical, linear, centrada na ordem, contraditório com tudo que se faz contemporaneamente nas demais áreas do conhecimento, notadamente no campo da pesquisa e da produção do conhecimento” (idem, p. 109).

Pensando nos caminhos e no caminhar, Pretto (2011, p.109) sugere o labirinto “enquanto uma importante metáfora para os processos educacionais” (idem), ou seja, uma *escola-labirinto* na qual

[...] o se perder é valorizado porque possibilita uma enorme diversidade de caminhos e soluções; onde chegar a um lugar é importante, claro, mas sem que isso imponha a perda da riqueza do caminhar, do se perder e do experimentar as inúmeras possibilidades trazidas pelo próprio caminhar (e agora navegar). Espaço, portanto, da criação e da experimentação (PRETTO, 2011, p. 109).

O autor afirma que, opondo-se a isso, encontra-se uma escola “centrada na objetividade, com rígidos procedimentos burocráticos, para dar conta de si própria enquanto parte de um enorme sistema e, ainda fechada em si mesma, na crença de que, com controles mais rígidos, se pode chegar a melhores resultados” (PRETTO, 2009, p. 109), o que, de acordo com a indicação dos números, não vem acontecendo.

### **Considerações finais**

Comumente, geração é considerada como agrupamento de indivíduos nascidos na mesma época, podendo-se assim, justificar as semelhanças existentes entre as pessoas de uma mesma geração em relação às características, valores e ideais.

Nessa pesquisa, oitenta e seis por cento dos participantes pertence às gerações *Baby Boomers* e *X*, o que permite concluir que a maioria dos professores nasceu em uma época em que sequer existiam computadores e internet, recursos esses, disponíveis no Acesso Escola e cuja utilização na prática pedagógica é recomendada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

A questão geracional foi apontada por professores participantes dessa pesquisa, como fator dificultador no uso de tecnologias - computador e internet, disponíveis no Acesso Escola - em sua prática pedagógica.

Para alguns autores, isso se deve ao fato dos docentes não terem tido acesso a esses recursos quando jovens como seus alunos, assim como pelo fato de não terem tido uma formação específica para a sua utilização, o que dificulta sobremaneira o exercício da profissão docente junto a seus alunos, pertencentes à geração *Z*.

### **Referências**

- GAZOLA, J. N. G.; SANTANA, P. S. Gestão, comportamento da geração *Y*. In: XIII Seminários em Administração. **Universidade Nove de Julho**, p. 1-19, set. 2010. Disponível em:  
<<http://www.ead.fea.usp.br/semead/13semead/resultado/trabalhosPDF/995.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2014.
- GUIMARÃES, C. Marc Prensky: O aluno virou especialista. **Época**, 08 jul. 2010. Disponível em:

- <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI153918-15224,00MARC+PRENSKY+O+ALUNO+VIROU+O+ESPECIALISTA.html>>. Acesso em: 01 jul. 2014.
- LEMOS, S. Nativos digitais X aprendizagens: um desafio para a escola. In: **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, set./dez. 2009.
- MELO, J. A. M.; SOUZA, L. F. Geração Y nas organizações e os desafios para a gestão de pessoas. In: **Revista Negócios em Projeção**, Brasília, vol. 3, n. 2, p. 49-65, nov. 2012.
- PRETTO, N. L. O desafio de educar na era digital: educações. In: **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, PT, ano 24, n. 1, p. 95-118, 2011.
- SANTOS NETO, E.; FRANCO E. S. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. In: **Revista de Educação do COGEIME**, São Paulo, Ano 19, n. 36, p. 9-25, jan./jun. 2010.
- SÃO PAULO. Decreto nº 52.625, de 15 de janeiro de 2008. Regulamenta o uso de telefone celular nos estabelecimentos de ensino do Estado de São Paulo. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**. São Paulo, 16 jan. 2008. Disponível em: <[http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/DO/GatewayPDF.aspx?link=/2008/executivo%20secao%20i/janeiro/16/pag\\_0003\\_2SPE9RJLQ1JPQe2VUBDVCD39H5U.pdf](http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/DO/GatewayPDF.aspx?link=/2008/executivo%20secao%20i/janeiro/16/pag_0003_2SPE9RJLQ1JPQe2VUBDVCD39H5U.pdf)>. Acesso em: 04 abr. 2014.
- UNESCO. Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel. Trad. Rita Brossard. **Brasil: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**, 2014. Disponível em: <<http://www.bibl.ita.br/UNESCO-Diretrizes.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2014.